

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Ecologia da violência nas periferias urbanas em tempos de emergências sanitárias

Oswaldo Baquero, Sara Cristina Aparecida da Silva, Júlia Amorim Faria

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4219>

Submetido em: 2022-06-02

Postado em: 2022-06-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Ecologia da violência nas periferias urbanas em tempos de emergências sanitárias
Ecología de la violencia en las periferias urbanas durante emergencias sanitarias
Ecology of violence in urban peripheries during health emergencies

Oswaldo Santos Baquero

Grupo de Pesquisa das Periferias, Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo
Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2695-7946>

Autor de correspondência: baquero@usp.br

Sara Cristina Aparecida da Silva

Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3560-1864>

Júlia Amorim Faria

Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5821-2706>

Resumo

A violência é um problema de saúde e um determinante das emergências sanitárias. O exercício da violência vai além das agressões interpessoais, envolve uma rede de violências com dimensões estruturais. Precariedade imposta, exploração, perseguição, expulsões territoriais, práticas de encarceramento e agressões no ambiente domiciliar violentam sujeitos periféricos e encontram nas emergências sanitárias possibilidades de se elevar à condição de sindemia de violências. Isso aconteceu na pandemia de Covid-19, em epidemias recentes e espera-se que aconteça na próxima emergência sanitária. Desde a ecologia da violência entende-se por que em tempos de emergências sanitárias a violência não é consequência só do isolamento físico; por que inclusive a violência doméstica mobiliza mais do que disposições endógenas dos perpetradores; e por que a negligência da violência ambiental e contra animais, ademais de violentar outros seres sencientes, limita estratégias de prevenção para humanos.

Palavras-chave: pandemia, Covid-19, Ébola, doenças emergentes, Saúde Única em Periferias.

Resumen

La violencia es un problema de salud y un determinante de emergencias sanitarias. Su ejercicio va más allá de las agresiones interpersonales, involucra una red de violencias con dimensiones estructurales. Precariedad impuesta, explotación, persecución, expulsiones territoriales, prácticas de encarcelamiento y agresiones intradomiciliares violentan sujetos periféricos y encuentran en las emergencias sanitarias posibilidades de convertirse en sindemia de violencias. Eso sucedió en la pandemia de Covid-19, en epidemias recientes y se espera que suceda en la próxima emergencia sanitaria. Desde la ecología de la violencia se entiende por que durante las emergencias sanitarias la violencia no es consecuencia solo del aislamiento físico; por que inclusive la violencia doméstica moviliza más que disposiciones endógenas de los perpetradores; y por que la negligencia de la violencia ambiental y contra animales, además de violentar seres sintientes, limita estrategias de prevención para humanos. Palabras clave: pandemia, Covid-19, Ebola, enfermedades emergentes, Una Salud de las Periferias.

Abstract

Violence is a health problem and a determinant of health emergencies. Its exercise goes beyond conspicuous interpersonal aggression, it comprises a network of violence with structural dimensions. Imposed precariousness, exploitation, persecution, territorial expulsions, incarceration practices, and household aggressions harm peripheral subjects and find in health emergencies the possibility of elevating themselves to the condition of a syndemic of violences. This has happened in the Covid-19 pandemic, in recent epidemics and it is expected to happen in the next health emergency. From the ecology of violence, it is understood why in times of health emergencies, violence is not just a consequence of physical isolation; why even domestic violence mobilizes more than the endogenous dispositions of the perpetrators; and why the neglect of violence against animals and environmental violence, in addition to harming other sentient beings, hinders prevention strategies for humans.

Keywords: pandemics, Covid-19, Ebola, emerging diseases, One Health of Peripheries.

Introdução

A Covid-19 sobrecarregou os modos de vida nas periferias urbanas e não apenas pelos efeitos patológicos do vírus. A pandemia tem recrudescido uma rede de violências que acomete

humanos, animais, e ambientes indispensáveis para o bem viver nas cidades. As políticas urbanas e de segurança pública que produzem e mantêm periferias urbanas são parte estrutural dessa rede. Precariedade imposta, exploração, perseguição, expulsões territoriais, práticas de encarceramento e agressões no ambiente domiciliar violentam sujeitos periféricos – humanos e não humanos – e encontram nas emergências sanitárias a possibilidade de se elevar à condição de sindemia de violências.

Por sindemia de violências deve se entender a coocorrência epidêmica de dois ou mais formas de violência. E se esta acontece durante uma emergência sanitária, a sindemia é maior por envolver tanto as violências como a epidemia da emergência sanitária em si. Para os propósitos deste texto, a violência será entendida a partir da definição elaborada por Krug (1) e mobilizada pela Organização Mundial da Saúde, incorporando algumas modificações propostas por Lee (2) para essa definição, assim como assuntos referentes à violência ambiental (3,4) e contra animais. Especificamente, entenderemos a violência como:

Ação humana intencional contra si próprio ou contra qualquer ser senciente, realizada ou em ameaça, que diretamente ou mediante negligência estrutural ou efeitos ambientais secundários, resulte ou tenha alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento, privação ou extinção de uma espécie.

A declaração de uma emergência sanitária pode ser motivada por uma epidemia de violência. Contudo, por emergência sanitária aludiremos aqui às chamadas doenças infecciosas emergentes, que compreendem doenças novas, doenças existentes com elevadas taxas de incidência e/ou espalhamento geográfico, e doenças causadas por patógenos categorizados como prioritários (5). Como aconteceu com a Covid-19 (6), espera-se que outras doenças infecciosas altamente transmissíveis emerjam, embora não se saiba com exatidão quais serão agentes etiológicos, quando ocorrerão e que tão graves serão.

O conhecimento adquirido nas epidemias de Ébola evidenciou a sindemia de violências resultante dessas emergências sanitárias (7–12). A construção de expectativas a partir de tal conhecimento poderia ter apontado de forma mais assertiva a sindemia de violências que iria ocorrer durante a pandemia de Covid-19 e informado a construção de estratégias de prevenção. De maneira semelhante, a experiência acumulada na pandemia de Covid-19 e em emergências sanitárias anteriores deve alicerçar a preparação de ações preventivas e de mitigação contra a sindemia de violências esperada em futuras emergências sanitárias.

Essa preparação requer o entendimento da ecologia da violência que precede e é agudizada por uma emergência sanitária. Tal ecologia implica relações entre formas de violência e

distribuição das consequências. As periferias urbanas costumam concentrar alvos de violência (13,14), e como tem se mostrado, também de casos e óbitos de Covid-19 (15).

A favela São Remo, na Zona Oeste do município de São Paulo, é um exemplo da concentração de violências e de consequências da Covid-19. Na construção de um discurso coletivo sobre as vivências da pandemia na favela São Remo (16) surgiram relatos sobre diversas formas de violência que em sua maioria não foram consideradas para não comprometer a confidencialidade. Para contribuir à compreensão da ecologia de violências que agrava e é agravada pelas emergências sanitárias, no presente texto abordamos a generalidade dessas formas de violência e trazemos alguns relatos, sob a ótica da Saúde Única em Periferias (17,18).

Capitalismo urbano

A violência sofrida nas periferias urbanas faz parte da própria organização das cidades, que a instrumentaliza para pôr em prática modelos urbanos que atendem interesses de mercado, como ocorre no setor imobiliário. Deslocamentos e despejos cedem terrenos a esses interesses enquanto afastam a populações, já marginalizadas por outros marcadores sociais, dos lugares onde se concentram oportunidades laborais, culturais e de habitação de qualidade (19,20). A moradia que deixa de ser objeto de políticas sociais e passa a ser ativo financeiro tem interesse no lucro, não na sustentabilidade das cidades e no provimento de bem viver (21), por mais que em ocasiões haja sobreposição parcial entre esse interesse e a qualidade de vida experimentada em alguns espaços das cidades. Produto dessa lógica, as periferias urbanas são uma forma de explorar terrenos instáveis, propensos a alagamentos e habitados sob a insegurança da posse (20). Periferias estas onde se conglomeram casos de doenças infecciosas como a Covid-19.

A vulnerabilidade que agrava os efeitos sanitários nas periferias se deve às condições de habitação e aos modos de relação com o resto da cidade. Adensamento populacional, insuficiência do saneamento básico e insalubridade do ambiente intradomiciliar, juntam-se à exploração laboral, à insegurança alimentar e em muitas ocasiões a longos percursos em veículos superlotados que conectam locais residenciais e de trabalho. Como resultado, o estresse, a maior exposição a pessoas infectadas e as comorbidades predispõem a aquisição e transmissão de infecções, com manifestações mais severas e letais.

A situação periférica como fator de risco é fabricada necropoliticamente e não somente pela violência do modelo de cidade mencionado. A privatização da saúde e o subfinanciamento do

Sistema Único de Saúde (22), outro vetor de violência estrutural, intensificam a vulnerabilidade dos sujeitos periféricos sem condições de pagar um plano de saúde com cobertura adequada para atender as consequências individuais das emergências sanitárias. Some-se a isto a perda de financiamento, mesmo em tempos de pandemia, de políticas: de educação e assistência para crianças e adolescentes, de promoção da igualdade racial e de combate da violência contra a mulher, entre várias outras (23).

Se por um lado há perda de financiamento, por outro o fechamento do comércio, e de forma geral as restrições de aglomeração e mobilidade para reduzir a transmissão de patógenos, causam desemprego e acentuam a informalidade. Frente a encruzilhada de pagar aluguel ou comprar comida, o imperativo da alimentação leva famílias a morarem em residências ainda mais precárias, quando não na rua. É assim que novas comunidades se constituem com a ocupação de terrenos baldios ou prédios ociosos. Foi assim que na pandemia de Covid-19 a ocupação do Buracanã veio a ser um favela dentro da favela São Remo (16).

Deslocamento forçado e ocupações

Em plena emergência sanitária começaram a se erguer as centenas de barracos do Buracanã, uma ocupação realizada em terreno íngreme com vastas quantidades de entulho (Imagem 1).



Imagem 1. Buracanã, ocupação no Jardim São Remo durante a pandemia de Covid-19.

Materiais, ferramentas, tempo e alimento tiveram de ser encontrados durante um período de maior desemprego, restrições de mobilidade e inflação elevada. Tais circunstâncias explicam a lentidão da construção e a necessidade de passar noites intermináveis sem eletricidade, água

e sob a intempérie, ao longo de vários meses. As consequências sanitárias disso são qualquer coisa menos favoráveis. Sem geladeiras ou qualquer estrutura de armazenamento adequada, não há como manter reservas de alimentos perecíveis ou evitar que roedores e outros animais sinantrópicos contaminem os alimentos. Com a falta de uma rede de esgoto as alternativas aumentam o risco de infecção, toda vez que aumentam o contato físico e o uso de espaços pouco ventilados, como o banheiro de um estacionamento próximo ou de vizinhos de outros lugares da favela. A construção de fossas dentro dos barracos – pequenos, com chão de terra e ventilação deficiente – têm sido mais uma alternativa que, embora reduza a utilização de banheiros comunitários, traz outra série de riscos infecciosos. Some-se a isso os incêndios provocados por velas que substituem lâmpadas e a gravidade que podem alcançar devido aos botijões de gás mantidos em lugares inapropriados; os alagamentos e os insetos que proliferam nas poças de água; e as dezenas de escorpiões coletados diariamente por se tratar de uma área previamente destinada ao despejo de entulho. Assim, uma emergência sanitária leva a outras por meio da violência estrutural que vulnerabiliza.

A ocupação irregular e precária de terrenos transfere a violência que as desencadeia aos coletivos presentes nos terrenos que passam a ser ocupados. Esse tipo de ocupação é realizada em prédios ociosos, terrenos baldios e áreas de proteção ambiental (20,24–26). Neste último caso, especialmente, os assentamentos perturbam a dinâmica dos ecossistemas locais. O coletivo multiespécie ocupante, conformado por humanos, animais de companhia e, animais sinantrópicos atraídos pelos assentamentos humanos, força a migração de viventes de diversas espécies. Nesse processo, que envolve desmatamento, aumenta a morbidade, a mortalidade e portanto o sofrimento de plantas e animais. A ocupação do Buracanã, apesar de não estar em área de proteção ambiental e ter uma localização geográfica mais central, mostra que esses conflitos multiespécies acontecem em áreas urbanizadas, mobilizando violência e empatia para com outros viventes (16):

A gente tem que se manter forte por amor àquelas pessoas da ocupação, por amor aos animais que já estão lá dentro. Precisamos de uma armadilha porque tem muito [...] animal. Como os gambás que acabam sendo perigosos e depois morrem [...] tentando defender uma cria ou, porque a gente invade o espaço deles. A gente entende totalmente eles e não queremos matá-los. A gente quer capturar eles e soltá-los lá onde tem mato.

As migrações forçadas desdobram a problemática em outros tempos e lugares e o mesmo pode se dizer das ações que danificam os corpos de água decorrentes das ocupações. A destruição e poluição de mananciais, bacias hidrográficas e reservatórios que abastecem as

idades intensificam os impactos das emergências sanitárias, num cenário em que a privatização dos serviços de saneamento básico preocupa pelo aprofundamento das iniquidades que podem advir da oferta de serviços orientada pelo lucro mais do que pelo atendimento de necessidades básicas (27).

A pouca visibilidade das ocupações em áreas de proteção ambiental contrasta com a atenção dada às ocupações de prédios ociosos e de terrenos em regiões mais centrais e de alto interesse para o mercado imobiliário (24). Em plena pandemia de Covid-19, a epidemia de pessoas que ficaram sem teto desencadeou uma resposta, também epidêmica, de ameaças de reintegração de posse (28,29) e de violência policial (30) associadas principalmente a terrenos com localização privilegiada.

Populações em situação de rua

A multiplicidade de violências que leva à formação de ocupações irregulares e à expulsão das mesmas reduz drasticamente as opções de subsistência. Quem passa a morar na rua tem de enfrentar as emergências sanitárias em condições de extrema adversidade e até as próprias “ajudas” constituem vetores de violência e agravamento sanitário. É o caso dos abrigos para moradores de rua em estado avançado de insalubridade, fechados ao acolhimento de animais que acompanham às pessoas e insuficientes para atender a demanda de moradia provisória. Durante a pandemia de Covid-19, a Comissão de Direitos Humanos e Cidadania do Município de São Paulo relatou a existência de abrigos com banheiros fora de funcionamento: privadas entupidas, chuveiros faltantes, pias sem torneira; colchões cheios de percevejos e excrementos de pombos e; galpões superlotados em que pessoas e pombos convivem e se alimentam, entre outras anomalias (31). Um claro exemplo de violência estrutural se considerado ainda que prefeitura deixou de usar 30% do orçamento previsto para assistência e programas sociais (31).

Como se fosse pouco ter que morar em abrigos nesse estado, o acolhimento é restrito, exclui animais de companhia. A exclusão social das pessoas em situação de rua é amortecida pelo convívio com animais, principalmente cães. A força dos laços afetivos entre as pessoas e seus animais por um lado dá suporte e cuidado mútuos, mas por outro impede o acesso a vários equipamentos de assistência, como os abrigos. Na impossibilidade de permanecer com seus animais, a solidariedade multiespécie faz com que pessoas prefiram continuar na rua (32).

Encarceramento

A criminalidade aparece para alguns como alternativa frente às investidas recorrentes de marginalização, como espaço para obter o que lhes é negado e responder à violência com violência. Decerto, a incursão no crime não é motivada unicamente pela fome e a precariedade extremas – basta pensar nos crimes cometidos por detentores de grandes capitais em busca de mais riqueza. Por outro lado, crimes associados a contextos vulneráveis não são necessariamente cometidos por pessoas impelidas pela precariedade, pois o crime organizado se aproveita desses contextos. No entanto, o desespero que as emergências sanitárias trazem às pessoas mais vulneráveis pode levar a ações criminosas, ao que se responde não com políticas de inclusão social e condições dignas de habitação e sim com mais violência policial e perseguição do sujeito periférico construído como imagem de ameaça à segurança pública. O maior sofrimento de muitas mais durante a pandemia de Covid-19 não tem sido pela doença viral e sim pelo desaparecimento, assassinato ou encarceramento dos seus filhos. Sofrimento compartilhado por crianças que perdem pais devido a esses acontecimentos.

Assim, mais um destino para esses sujeitos periféricos durante as emergências sanitárias são as prisões. Nelas, a superlotação, a ventilação deficiente e os problemas de acesso a água são causas de mortalidade por doenças infecciosas como a tuberculose e várias outras que mesmo quando não levam diretamente a óbito, são comorbidades que aumentam a letalidade de outras doenças, como a Covid-19 (33). As medidas de controle voltadas à interdição de visitas e à interrupção de atividades grupais (esportivas, escolares, educativas e religiosas), ignorando as causas mencionadas, servem para mitigar a transmissão dos focos prisionais para o resto da população via visitantes, ao custo de uma maior carga psicológica das pessoas detentas (33). Sem melhorar as condições sanitárias das prisões e principalmente sem abordar a violência estrutural que motiva crimes e encarcera, essas medidas de controle em alguns aspectos restritos são melhores que nada, porém distando de uma estratégia efetiva de interrupção de dinâmicas transmissão epidêmicas.

Famílias e ambientes domiciliares

A violência estrutural sofrida nos diversos âmbitos que compõem os modos de vida das vítimas se acumula e redireciona para mais um espaço, tipicamente associado à violência e desvinculado da amplitude estrutural em que o mesmo se encontra. O espaço doméstico, na sua dimensão domiciliar, tem notada visibilidade como contexto da violência, usualmente entendida e midiaticizada na forma de agressões de um membro familiar a outro. Essas agressões, físicas e psicológicas, presumivelmente também assumem um comportamento

epidêmico em função do maior confinamento domiciliar decorrente do incentivo do distanciamento físico para reduzir a transmissão de patógenos (34).

A privacidade domiciliar e as ameaças dos perpetradores dificultam a detecção de casos de violência doméstica. A busca de acolhimento e mais ainda a denúncia de agressões são inibidas pelo medo das consequências tanto para quem cogita buscar ajuda como para outras vítimas ou potenciais vítimas do domicílio. Aqui, mais uma vez, o vínculo das pessoas com seus companheiros animais é uma dificuldade em vista do não acolhimento destes últimos nos espaços que oferecem ajuda às vítimas humanas (35–37).

Sabe-se do uso do vínculo entre pessoas e seus animais companheiros como instrumento de coação. O medo do que pode acontecer com os animais faz com que as vítimas desistam de procurar ajuda. Esse vínculo, de grande valia enquanto suporte emocional na pandemia de Covid-19, é evidenciado pelo discurso coletivo sobre as vivências da pandemia na favela São Remo (16):

[O] convívio com os animais tornou-se essencial no enfrentamento do vírus, principalmente pela vantagem [...] que eles são uns bichos companheiros, dóceis, [...] que estão nas horas de felicidade, de tristeza, de alegria e nas horas boas. Por isso, temos que acolhê-los, dar-lhes mais atenção, uma vez que é recíproco o que eles fazem conosco.

Discurso coletivo que também se refere à violência sofrida pelos animais (16):

Com o isolamento, as pessoas acabam ficando mais estressadas, judiam dos animais e dos seres humanos. Descontam o fato de não poder estar saindo, [...] por ser mandado embora no emprego, descontam nos animais, nas pessoas em casa, isso está acontecendo muito, entendeu?

Sejam animais ou pessoas, as vítimas são agredidas por pessoas que não vivem e se relacionam exclusivamente no ambiente domiciliar. A aparente obviedade da afirmação anterior contrasta com os discursos em que a violência doméstica afigura-se apenas como um problema individual ou de disfunção familiar, ignorando-se a reprodução social de iniquidades. Embora existam fatores psicológicos associados aos perpetradores (e às vítimas), estes não são nem manifestações de processos exclusivamente endógenos, nem os únicos determinantes da violência doméstica. Os membros de uma família/domicílio interagem e reagem nos contextos que transitam, veiculam afetos e desafetos entre os mesmos. Assim, a violência estrutural transborda entre contextos e se materializa neles.

A epidemia de violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 não é resultado apenas do maior convívio intradomiciliar, faz parte de uma rede de violências que acomete humanos, animais e o ambiente do qual fazem parte.

Considerações finais

A sindemia de violências recrudescida por emergências sanitárias é resultado de processos históricos. As agressões interpessoais, contra animais ou contra o meio ambiente não são fenômenos isolados, causados apenas por disposições endógenas dos perpetradores. A necropolítica ao serviço da concentração de riquezas, assente em dispositivos de ordenamento territorial, de segurança pública e de negligência estrutural, configura uma rede de violências que mantém e reproduz as periferias urbanas em que as doenças emergentes se concentram. Os focos epidêmicos da próxima emergência sanitária também ocorrerão nas periferias urbanas em função dessa necropolítica, cuja rede de violências se desdobrará mais uma vez em tempos e lugares variados contra coletivos multiespécies marginalizados. A ecologia da violência e sua relação com as emergências sanitárias oferece um recorte para compreender e promover a Saúde Única em Periferias.

Contribuição de autoria

Todos os autores contribuíram ativamente em todas as fases da pesquisa.

Conflito de interesses

Os autores declaram a não existência de conflitos de interesses.

Referências

1. Krug EG, Mercy JA, Dahlberg LL, Zwi AB. The world report on violence and health. *Lancet* (London, England) [Internet]. 2002 Oct 5 [cited 2022 Apr 13];360(9339):1083–8. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12384003/>
2. Lee B. *Violence: An Interdisciplinary Approach to Causes, Consequences, and Cures*. Oxford: JOHN WILEY & SONS, INC.; 2019. 336 p.
3. Lee BX. Causes and cures VIII: Environmental violence. *Aggress Violent Behav*. 2016 Sep 1;30:105–9.

4. Barca S. Telling the right story: Environmental violence and liberation narratives. *Environ Hist Camb*. 2014 Nov 1;20(4):535–46.
5. Mackey TK, Liang BA, Cuomo R, Hafen R, Brouwer KC, Lee DE. Emerging and reemerging neglected tropical diseases: a review of key characteristics, risk factors, and the policy and innovation environment. *Clin Microbiol Rev* [Internet]. 2014 Oct [cited 2018 Apr 9];27(4):949–79. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25278579>
6. Gates B. Innovation for Pandemics. *N Engl J Med* [Internet]. 2018 May 31 [cited 2022 Apr 13];378(22):2057–60. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29847763/>
7. O’Brien M, Tolosa MX. The effect of the 2014 West Africa Ébola virus disease epidemic on multi-level violence against women. *Int J Hum Rights Healthc*. 2016;9(3):151–60.
8. Sirleaf M. Ébola Does Not Fall from the Sky: Structural Violence & International Responsibility. *Vanderbilt J Transnatl Law* [Internet]. 2018 Jan 1 [cited 2022 Apr 13];51(2). Available from: <https://scholarship.law.vanderbilt.edu/vjtl/vol51/iss2/3>
9. Cohn S, Kutalek R. Historical Parallels, Ébola Virus Disease and Cholera: Understanding Community Distrust and Social Violence with Epidemics. *PLoS Curr* [Internet]. 2016 [cited 2022 Apr 13];8(OUTBREAKS). Available from: </pmc/articles/PMC4739438/>
10. Nguyen V-K. An Epidemic of Suspicion — Ébola and Violence in the DRC. *N Engl J Med* [Internet]. 2019 Apr 4 [cited 2022 Apr 13];380(14):1298–9. Available from: <https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMp1902682>
11. Wilkinson A, Leach M. Briefing: Ébola—myths, realities, and structural violence. *Afr Aff (Lond)* [Internet]. 2015 Jan 1 [cited 2022 Apr 13];114(454):136–48. Available from: <https://academic.oup.com/afraf/article/114/454/136/2195203>
12. Bardosh K, Leach M, Wilkinson A. The Limits of Rapid Response: Ébola and structural violence in West Africa. In: Bardosh K, editor. *One Health*. London: Routledge; 2016. p. 260.
13. Raposo O, Alves AR, Varela P, Roldão C. Negro drama. Racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa. <http://journals.openedition.org/rccs> [Internet]. 2019 Sep 1 [cited 2022 Apr 13];(119):5–28. Available from: <http://journals.openedition.org/rccs/8937>
14. Araujo C. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. *Educ e Pesqui* [Internet]. 2001 [cited 2022 Apr 13];27(1):141–60. Available from: <http://www.scielo.br/j/ep/a/BSzF5kNjfrQTLGfdRg8tvLK/?format=html&lang=pt>
15. Bermudi PMM, Lorenz C, Aguiar BS de, Failla MA, Barrozo LV, Chiaravalloti-Neto F. Spatiotemporal ecological study of COVID-19 mortality in the city of São Paulo,

- Brazil: Shifting of the high mortality risk from areas with the best to those with the worst socio-economic conditions. *Travel Med Infect Dis*. 2021 Jan 1;39:101945.
16. Amorim JF, Silva SCA, Germani ACCG, Barrientos DMS, Santos GA, Baquero OS. Vivências da pandemia na São Remo: um discurso coletivo [Internet]. Sao Paulo; 2021. Available from: <https://zenodo.org/record/5211531>
 17. Baquero OS, Benavidez Fernández MN, Acero Aguilar M. From Modern Planetary Health to Decolonial Promotion of One Health of Peripheries. *Front Public Heal* [Internet]. 2021 Jun 10 [cited 2021 Jun 10];9:637897. Available from: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpubh.2021.637897/full>
 18. Baquero OS. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. *Front Public Heal*. 2021 Jun 30;9:833.
 19. Rolnik R, Klink J. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias? *Novos Estud CEBRAP* [Internet]. 2011 Mar [cited 2022 Apr 13];(89):89–109. Available from: <http://www.scielo.br/j/nec/a/RVtd8zVwYXXbP74GzMM7tsD/?lang=pt>
 20. Rolnik R. Territorial exclusion and violence: the case of the state of São Paulo, Brazil. *Geoforum* [Internet]. 2001 Nov 1 [cited 2017 Dec 14];32(4):471–82. Available from: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718501000173>
 21. Rolnik R. Late Neoliberalism: The Financialization of Homeownership and Housing Rights. *Int J Urban Reg Res* [Internet]. 2013 May 1 [cited 2022 Apr 13];37(3):1058–66. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1468-2427.12062>
 22. Scheffer CM, Scheffer M. O capital estrangeiro e a privatização do sistema de saúde brasileiro. *Cad Saude Publica* [Internet]. 2015 [cited 2022 Apr 13];31(4):663–6. Available from: <http://www.scielo.br/j/csp/a/Lf3dqmSckwT5XcSp77Yqy7w/?lang=pt>
 23. Instituto de Estudos Socioeconômicos. A conta do desmonte: balanço do orçamento geral da união 2021. Brasília; 2021.
 24. Maricato E. Erminia Maricato: aos sem-teto, a lei [Internet]. *BrCidades*. 2019 [cited 2019 Apr 13]. Available from: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/erminia-maricato-aos-sem-teto-a-lei/>
 25. Alvim ATB, Kato VRC, Rosin JR de G. A urgência das águas: intervenções urbanas em áreas de mananciais. *Cad Metrópole* [Internet]. 2015 May [cited 2022 Apr 13];17(33):83–107. Available from: <http://www.scielo.br/j/cm/a/wfQWX84LzHjvhtLftw37Vjh/?lang=pt&format=html>
 26. Mesquita FN, Silvestre KS, Steinke VA. Urbanização e degradação ambiental: Análise da ocupação irregular em áreas de proteção permanente na região administrativa de Vicente Pires, DF, utilizando imagens aéreas do ano de 2016 (Urbanization and environmental degradation: Analysis of irregular... *Rev Bras Geogr Física* [Internet].

- 2017 May 11 [cited 2022 Apr 13];10(3):722–34. Available from: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/234021>
27. de Sousa ACA. O que esperar do novo marco do saneamento? *Cad Saude Publica*. 2020 Dec 18;36(12):e00224020.
 28. Nações Unidas. Relator da ONU diz que Brasil tem que suspender despejos durante pandemia. *ONU News*. 2020.
 29. United Nations. COVID-19 and the right to adequate housing: impacts and the way forward. 2020.
 30. Chade J. ONU denuncia “alta exponencial” de violência policial durante covid no país [Internet]. UOL. 2022 [cited 2022 Apr 14]. Available from: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/02/14/onu-cobra-do-brasil-respostas-de-combate-a-violencia-policial-no-pais.htm>
 31. SP2. Centros de acolhida a moradores de rua na cidade de SP têm banheiros entupidos e insetos nos lençóis, aponta relatório [Internet]. g1 São Paulo. 2022 [cited 2022 Apr 14]. Available from: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/18/centros-de-acolhida-a-moradores-de-rua-na-cidade-de-sp-tem-banheiros-entupidos-e-insetos-nos-lencois-aponta-relatorio.ghtml>
 32. Singer RS, Hart LA, Zasloff RL. Dilemmas associated with rehousing homeless people who have companion animals. *Psychol Rep* [Internet]. 1995 [cited 2020 Mar 6];77(3 Pt 1):851–7. Available from: <https://www.hudexchange.info/resources/documents/2016-AHAR-Part-1.pdf>
 33. Sánchez A, Simas L, Diuana V, Larouze B. COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública? *Cad Saude Publica*. 2020 May 8;36(5):e00083520.
 34. Dulus GT, Sudbrack AW, Silveira LM de OB. Aumento da violência intrafamiliar e os fatores associados durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa de literatura | *Saúde em Redes*. *Saúde em Redes* [Internet]. 2021 [cited 2022 Apr 14];7(1):10. Available from: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3381>
 35. Faver CA, Strand EB. To Leave or to Stay? *J Interpers Violence* [Internet]. 2003 Dec 2 [cited 2019 Jun 22];18(12):1367–77. Available from: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260503258028>
 36. Cleary M, Thapa DK, West S, Westman M, Kornhaber R. Animal abuse in the context of adult intimate partner violence: A systematic review. *Aggress Violent Behav*. 2021 Nov 1;61:101676.
 37. Upadhy V. Abuse of animals as a method of domestic violence: The need for criminalization. *Emory Law J*. 2013;23.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.